

**“Se eu responder, é porque eu sou nega, burra, mal educada, sou isso e sou aquilo”**

**Uma análise acerca da experiências das “mães de micro” negras recifenses, seus direitos e experiências com o racismo**

**Autora:**Gabriela da Costa Silva

**Orientadora:**Soraya Fleischer

No ano de 2015, o Brasil foi surpreendido pela chegada do vírus Zika, transmitido pelo mosquito *Aedes Aegypti*, responsável pela epidemia que tomou o nordeste brasileiro. A contaminação de mulheres grávidas pelo vírus zika culminou no nascimento de crianças com malformações congênitas, identificando principalmente a microcefalia.

Segundo dados do Ministério da Saúde, lançados no início das primeiras pesquisas sobre a epidemia, oito em cada dez crianças que nascem com a Síndrome Congênita do Vírus Zika têm mães negras, denunciando assim, as péssimas condições às quais as mulheres negras estão submetidas, em ambientes sem tratamento de esgoto, água encanada ou prevenção, possibilitando à proliferação do mosquito *Aedes Aegypti*.

Desse modo, esta pesquisa foi realizada através da leitura dos diários de campo produzidos no Projeto “Síndrome congênita do vírus Zika em Recife/PE: Uma antropologia dos ímpetus maternos, científicos e políticos”. Com intuito de reunir trajetórias de “mães de micro” negras a partir das narrativas raciais expressas em seus cotidianos, como a negação de sua identidade, o racismo em suas diversas facetas e as péssimas condições de vida. Destacando, por fim, a importância da centralidade da questão racial nas reflexões das trajetórias das “mães de micro”.

A partir dos estudos da médica Jurema Werneck (2016) e da antropóloga Debora Diniz (2016) acerca do papel das instituições na epidemia do vírus zika e o acesso à saúde da população negra nesse contexto, foi possível identificar as péssimas circunstâncias às quais essas mulheres estão submetidas e a negligência por parte do Estado e suas instituições ao construir cada vez mais barreiras para suas trajetórias e de seus filhos. Evidenciando a vulnerabilidade dessas mães, em especial, no tocante às mulheres que

seriam amplamente mais afetadas em um contexto de racismo institucional e restrição de direitos.

Essa pesquisa permite compreender a urgência do desenvolvimento de políticas públicas direcionadas às mães de micro, centralizando não somente a categoria de gênero, mas de raça, refletindo acerca da relação entre o racismo institucional e o acesso à saúde na construção do contexto em que as mães de micro estão inseridas. Além disso, aponta os desafios atuais na compreensão da categoria raça como um fator de grande contribuição para as análises sobre o contexto da epidemia do zika no nordeste e suas consequências para as mulheres negras nordestinas. Ressaltando que as políticas devem manter o foco objetivamente nas trajetórias das mulheres negras, ouvi-las na formulação de suas diretrizes e contribuir para o avanço de melhores condições de vida para as “mães de micro”.

Trechos retirados dos diários para o poster:

“Para mim foi nitidamente um episódio de racismo. Sem dúvida. A questão do racismo é que é difícil provar, mas eu não tenho dúvidas que se fosse uma mulher branca, bem vestida, nunca teriam suposto que ela faria uma coisa tão “bárbara” quanto fumar em um espaço fechado cheio de criança.” Conta Yasmin, pesquisadora do projeto, ao presenciar os seguranças da ONG que Rozana frequentava a impedirem de entrar no local.

Ela diz que “parda” é o que se chama de “sará”, dando a entender que não se trata de mulheres negras. Conta que quando nasceu, nasceu branca e foi classificada como branca na sua certidão. Joana diz que é branca, só é “morena de sol”. Já foi chamada de sarará, mas hoje em dia era chamada mais de morena.” Conta Fernanda, pesquisadora do projeto, ao abordar a identificação racial de Joana, uma mãe de micro negra.

“Tem tantos pais aí que não estão realmente cuidando, que está espancando, violentando, estuprando os filhos e ele vem para cima de mães que estão batalhando pelos seus filhos como eu.” Conta Rozana ao falar de um funcionário do hospital que seu filho estava internado que chamou o conselho tutelar alegando que ela estava negligenciando seu filho.

## Referências

- BRAGA, Ivana Marcia. A invisibilidade da mulheres negras nas narrativas das políticas públicas de enfrentamento ao Zika vírus. 2017
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. 2ª ed. Brasília, 2013
- BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher princípios e diretrizes. 1ª ed. Brasília, 2004.
- DINIZ, D. “Zika: Do sertão nordestino à ameaça global” 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MAISONNAVE, Fabiano. Oito em cada dez bebês com danos do zika nascem de mães negras. Folha de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1812302-oito-em-cada-dez-bebes-com-danos-do-zica-nascem-de-maes-negras.shtml>
- MARCONDES, Mariana Mazzini et. al. Dossiê Mulheres Negras retrato da condição das mulheres negras no Brasil. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2013.
- WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. 2016.
- \_\_\_\_\_ Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. Em: Werneck, Jurema & Lopes, Fernanda (orgs.) Mulheres Negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil. Rio de Janeiro: Criola. pp. 76-84

